

## POETAS PARAIBANOS: DO ERUDITO AO POPULAR

Maria José Paulino de Assis

[mjpaulino.educ@gmail.com](mailto:mjpaulino.educ@gmail.com)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

### 1 Introdução

Falar do fazer poético, da arte da poesia não é tarefa fácil. Já dizia o grande poeta modernista lusitano Fernando Pessoa “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente”. Mas, é poetando que a gente se entende. Crianças, jovens e adultos passeiam pelo mundo dos versos, lendo ou escrevendo-os, neles achando-se ou se perdendo. A poesia rodeia-nos e paira sobre nossas cabeças, ora nos confunde, ora nos deleita. Segundo os versos de Chico Lino Filho<sup>1</sup> “as palavras têm asas / de borboletas”. Então não devemos fugir dessa arte, ao contrário, devemos mergulhar nesse paraíso, ou voar com as asas das palavras.

Quem nunca leu ou ouviu a recitação de um poema? Quantos já tentaram fazer versos de algum acontecimento? Quantas vezes alguém soltou rimas sem querer? Ou achou que aqueles versinhos que ouviu ou leu em algum lugar é a sua cara? Muitas vezes ouvimos sobre versos e rimas, melhor ouvir algo a respeito que viver na total ignorância, mas precisamos saber verdadeiramente sobre esse assunto, afinal, qualquer versinho é poesia? Toda rima é poética? Infundáveis são as indagações que podem vir à tona quando se fala de poesia, poema, arte poética, versos, rimas. Ante as interrogações acerca do tema, cabem pesquisas, estudos, leituras que, obviamente, nos conduzirão a descobertas prazerosas.

Em seu livro *Poesia em sala de aula*, o professor Hélder Pinheiro alerta para o planejamento do trabalho escolar com poesia “Tendo em vista que a poesia é dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada” (2007, p. 25). Assim como deve ser todo trabalho pedagógico comprometido, também essa opção de levar poesia à sala de aula da Educação Básica exige do docente uma postura de engajamento e muita leitura prévia.

No universo poético, muitos despertam o gosto pela leitura. Então, cabe à escola proporcionar uma melhor integração entre leitura e poesia, ou seja, intensificar o trabalho com poemas, instigar a leitura oral de textos poéticos dos mais variados estilos. A partir desse empenho em inserir estudos do texto em versos no cotidiano escolar, é interessante apresentar

---

<sup>1</sup> Poeta paraibano, autor dos livros *Abajur de lua*, *Poema de amor e silêncio* e *Inverno invisível*.

aos estudantes poetas locais, nesse caso, autores paraibanos. Com a finalidade de despertar o hábito de ler, o olhar crítico e interpretativo, através de atividades que proporcionassem o conhecimento com prazer.

Portanto, o professor deve desenvolver, em sala de aula, atividades com poemas de autores paraibanos como forma de, simultaneamente, despertar o gosto pela leitura do texto em versos e proporcionar a aproximação com os poetas locais, para, posteriormente, ampliar o universo de conhecimento do meio poético.

## **2 Literatura: um direito social**

A Humanidade, ao longo da História, tem efetivado conquistas e garantido direitos que nem mesmo os povos mais organizados gozam dessas legalidades, pois as leis às vezes se confundem e se submetem aos efeitos da lógica. Os seres humanos têm direito ao lazer, embora alguns o considerem supérfluo, vivido por poucos que possuem condições financeiras, não é com frequência que se cobra de um governante o direito ao lazer, talvez por falta de consciência da importância social e terapêutica desse direito.

Essa lógica é estendida ao direito à literatura, assim como o direito à saúde, à moradia, a instrução, à liberdade individual; também o direito à arte deve ser assegurado, conforme Antônio Cândido afirma em seu texto “Direito à Literatura”.

Inclusive, ainda segundo Cândido, a literatura possui uma função humanizadora, com intenções de socialização e sensibilização social:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CÂNDIDO, 1995, p.174).

Nesse sentido amplo com que Cândido apresenta a literatura, é possível dialogar com a possibilidade de implantar a literatura na Educação Básica. Até porque cabe à escola o dever de instruir o cidadão integralmente, respeitando os valores e desenvolvendo a aprendizagem e o senso crítico, atribuição assegurada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

## **3 O ensino de Literatura e a escolha do gênero**

A implantação definitiva da literatura no contexto escolar é uma necessidade urgente e de responsabilidade de toda a comunidade escolar, portanto, professores e pedagogos precisam inserir-se nesse compromisso que deve atender toda Educação Básica. No livro *Literatura infantil: teoria, análise, didática*, Nelly Novaes Coelho ressalta o privilégio do ambiente escolar enquanto formador do indivíduo e aponta o estudo da literatura em sua abrangência para estimular o desenvolvimento intelectual do educando:

a escola é, hoje, o *espaço privilegiado*, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois, de maneira mais abrangente que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser (COELHO, 2011, p. 16).

Definido o trabalho do professor com a Literatura em sala de aula, é primordial que sejam selecionados os textos dentro da diversidade dos gêneros textuais e dos estilos literários, para que, dessa forma, o aproveitamento torne-se o melhor possível para o estudante e o progresso docente em aulas seguintes. Os PCNs apontam a escolha dos textos como uma tomada de decisão coerente e coesa, a partir do objetivo de formar cidadãos que alcancem o letramento.

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24)

Com a multiplicidade dos gêneros textuais, inclusive entre os textos literários, o professor poderá eleger aqueles que melhor proporcionam a ludicidade e a compreensão, para que a reflexão crítica do educando seja despertada com mais entusiasmo.

Logo, alguns gêneros devem ser elencados para o ensino de literatura, considerando os aspectos sugeridos pelos PCNs e nesse estudo, será designado o gênero poema para ser analisado em seus diversos prismas, considerando-se a relevância desse gênero e percebendo-se a complexidade com que este é tratado na escola. Apresenta-se, aqui, um desafio, que é o trabalho com o poema em sala de aula.

Selecionado o gênero textual poema, cabe ao professor planejar as estratégias, metodologias, recursos, escolher poetas e textos. Além de envolver-se com o gênero a ser estudado para demonstrar segurança e habilidade em suas aulas.

Sabe-se da sensibilidade advinda do texto literário e que penetra a identidade do sujeito em constante formação. Quanto ao poema, sua emotividade transborda o real, o atingível, e propõe uma interiorização do próprio eu para entender a si mesmo e a arte literária.

Coelho (2011, p. 222) define poesia enquanto essência que nos cativa em diferentes sentidos “Poesia é também imagem e som. As palavras são signos que expressam emoções, sensações, ideias... através de imagens (símbolos, metáforas, alegorias...) e de sonoridade (rimas, ritmos...)”.

Em seu livro *O estudo analítico do poema*, Antônio Cândido discorre acerca dos significados diversos que as palavras assumem no poema, ora em sentido real, ora em sentido metafórico:

No poema, as palavras se comportam de modo variável, não apenas se adaptando às necessidades do ritmo, mas adquirindo significados diversos conforme o tratamento que lhes dá o poeta. Antes de mais nada, é preciso distinguir, como na linguagem corrente, a linguagem direta da linguagem figurada. Aquela, indica em termos diretos, usados no seu exato sentido, o conceito a transmitir: o significado não sofre qualquer alteração (CÂNDIDO, 1996, p. 68).

O texto poético apresenta-nos um encantamento de ritmo, de palavras ou mesmo de forma, deslumbramento que deve ser proporcionado a toda sociedade, como um direito de sensibilizar-se, descobrir-se e compreender o factual e o fantástico. Essa experiência precisa ser desenvolvida pela escola, como forma de assegurar o amplo conhecimento do estudante. Segundo Pinheiro (2007, p. 89), ao falar da poesia, “o acesso a ela é um direito de toda criança e de todo jovem”.

Embora a pós-modernidade tenha impulsionado a comunicação através das redes sociais, o encanto das rimas incentivou muitas pessoas a compor pequenos ou grandes poemas. Em seu texto “Carta aos leitores”, Marisa Lajolo define poema como um jogo:

Um poema é um jogo com a linguagem. Compõe-se de palavras: palavras soltas, palavras empilhadas, palavras em fila, palavras desenhadas, palavras em ritmo diferente da fala do dia a dia. Além de diferentes pela sonoridade e pela disposição na página, os poemas representam uma maneira original de ver o mundo, de dizer coisas. A poesia nasce de um olhar especial que o poeta divide com os leitores

através do poema (LAJOLO, 2001, p. 5).

Nesse “jogo com a linguagem” muitos se encantam ao ler ou guardar versos compostos e escondidos a sete chaves. Então, por que não enveredar estudantes nesse caminho?

No cotidiano escolar e social ainda se ouve alguém afirmar que leu, copiou ou compôs uma poesia. Surge a indagação: leu poesia ou leu poema? A respeito dessa definição, Norma Goldstein, em seu texto “Poema ou poesia?”, traz a seguinte contribuição:

O poema é um texto “*marcado por recursos sonoros e rítmicos. Geralmente o poema permite outras leituras, além da linear*”, pois sua organização sugere ao leitor a associação de palavras ou expressões “*posicionadas estrategicamente no texto*”. A poesia está presente no poema, assim como em outras obras de arte, “*que, como o poema, convidam o leitor/espectador/ouvinte a retornar à obra mais de uma vez, desvendando as pistas que ela apresenta para a interpretação de seus sentidos*” (GOLDSTEIN, 2010, p. 22).

A partir das palavras de Goldstein, marca-se o diferencial básico entre poesia e poema, então, faz-se necessário mostrar com clareza a definição específica dos dois termos ora em questão. Menciona-se poema quando se refere à obra, ao próprio texto, à concretização, em que se pode perceber ritmo, rimas e métrica. Usa-se o termo poesia para reportar-se à arte, à habilidade de tornar algo poético.

Uma vez definida a prioridade de trabalhar com poemas e poesia, marca-se o propósito complementar de direcionar o estudo aos poetas paraibanos, com o propósito de valorizar a literatura local. Levar para sala de aula poemas ou mesmo trechos de poemas de poetas da Paraíba é favorecer o conhecimento do cenário lírico de nossa academia. De acordo com Pinheiro (2007), o aluno não deve ser privado de conhecer a cultura popular, pela sua magnificência e dinamismo, sob pena de ficar empobrecido em seus conhecimentos. É importante enfatizar que não se trata tão somente de cultura popular como também de cultura local, arte do nosso meio.

#### **4 Poetas paraibanos: do erudito ao popular**

Desbravar os caminhos da composição poética em sala de aula já é um projeto desafiador, imagine sendo esse propósito voltado para os poetas localistas, que muitas vezes

não são reconhecidos pela Academia nacional, não são divulgados em livros didáticos e pode-se categorizar como “desconhecido” pelos professores de Língua Portuguesa (e de Literatura).

No livro *Autores paraibanos: poesia*, a Comissão organizadora, na apresentação intitulada “Para não viver no escuro”, fez a seguinte exposição:

Não estamos diante da primeira tentativa de tornar acessível à escola o texto produzido na Paraíba. E, provavelmente, as razões didáticas são as mesmas que fundamentaram iniciativas anteriores: a importância de professores e alunos reconhecerem a linguagem elaborada pelos escritores paraibanos, nascidos ou integrados ao Estado, não apenas como modelo de palavra escrita, mas como necessidade de conhecimento da realidade onde vivem. Tomando de empréstimo a expressão de José Américo “para não viver no escuro, desconhecendo a própria sombra” (CASTRO, 2005, p. 6).

Percebe-se a ênfase em “necessidade de conhecimento da realidade onde vivem”, portanto, incute-se a prioridade que se deve conferir ao trabalho com os poetas da região, visto que é perceptível, na escola, a indispensabilidade de inteirar-se da realidade dos educandos.

Pinheiro (2007) ressalta o papel da escola em aproximar o aluno da poesia, mas destaca que “é o professor que conhece sua turma e sabe que poemas indicar, que tipo de discussão pode estimular e como procurar sensibilizar os leitores mais recalcitrantes” (2007, p. 102). É imprescindível, pois, a escolha crítica do professor na seleção de poetas e poemas a serem apresentados à turma, além do conhecimento, a sensibilidade docente também precisa estar aguçada nesse momento de delimitação de textos. O professor Helder Pinheiro (2007, p. 20) afirmar que “É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula. Não qualquer poesia, nem de qualquer modo”.

Então, que poetas paraibanos pesquisar? De estilo clássico e acadêmico? Ou de linguagem mais popular? Quais e quantos seriam os nomes listados? Perguntas respondidas, gradativamente, a partir de pesquisa em livros e sites, considerando sugestões dadas. Viajar pelos estilos proporcionará formas de conhecer e compreender as tendências e expressões de alguns deles. Sim, alguns deles, pois a lista será uma representação de nomes de ilustres artistas dos versos. Numa definição de poeta, Lajolo clareia as ideias a respeito desses artesãos das palavras:

Poeta é, assim, quem descobre e faz poesia a respeito de tudo: de gente, de bicho, de planta, de coisas do dia a dia da vida da gente, de um brinquedo, de pessoas que

parecem com pessoas que conhecemos, de episódios que nunca imaginamos que poderiam acontecer e até a própria poesia! (LAJOLO, 2011, p. 6)

Finalmente, vamos penetrar no reino da poesia paraibana. Dialogar com poetas paraibanos de épocas e estilos diferenciados, desvendar o pessimismo de Augusto dos Anjos, contemplar a fascinação poética de Sérgio de Castro Pinto, entender a crítica social na métrica do cordel de Francisco Diniz.

#### 4.1 Breve apresentação dos poetas paraibanos

Metaforizando o termo palavra, Chico Lino Filho, em seu livro *Abajur de lua*, apresenta-nos o “jogo com a linguagem”, de que fala Lajolo. A metáfora estendida à manhã e ao termo palavras remete-nos à ideia de que as palavras são objeto, algo que se manuseia “e eu as apanho para escovar / os dentes”, indo além, o eu lírico associa as manhãs a palavras frias, ou seja, aquelas que não inspiram a composição poética.

nas manhãs do meu rosto  
despencam as palavras  
e eu as apanho para escovar  
os dentes.

as manhãs são palavras  
frias  
que não escrevem poemas  
(FILHO, 1992, p. 83).

Assim, inicia-se a apresentação, breve, dos poetas paraibanos, na intenção de expor um pouco do que se pode encontrar na Academia Paraibana de Letras. Além de outros que ainda não assumem cadeira no centro academicista e do poeta popular da literatura de cordel.

Falar da poesia de Sérgio de Castro Pinto seria preciso editar um registro de dimensão maior, como já o fizeram críticos e acadêmicos, sua poética alcançou a literatura e a crítica nacional, como bem registrou o professor, crítico e escritor Braulio Tavares, em seu texto “O cristal dos verões” ao falar da obra desse autor “no equilíbrio entre a percepção visual diferenciada e o malabarismo sonoro das aliterações, um livro de poesia de Sérgio de Castro Pinto é uma sucessão de flashes indelévels em que a linha do verso costura e justapõe o visto,

o imprevisto, o ouvido e o vivido”<sup>2</sup>. Inúmeros são os poemas de Sérgio que podem ser dissecados em sala de aula. Serão expostos aqui poemas do último livro *A flor do gol* e “a coruja”, este do livro *Zoo imaginário*<sup>3</sup>. A respeito dos primeiros, na apresentação do livro de título homônimo à primeira parte, Hildeberto Barbosa Filho traz a seguinte análise:

Sérgio de Castro Pinto como que arma seu esquema tático no gramado do verso, e, valendo-se do de rápidas fintas metafóricas, percorre o primeiro e o segundo tempos do lirismo, com dribles, passes e lançamentos vocabulares que culminam nos mais surpreendentes gols de seu jogo poético (BARBOSA FILHO, In. PINTO, 2014, p. 17).

Ilustrando a análise de Barbosa Filho, segue um dos poemas da primeira parte do livro *A flor do gol*:

Garrincha (I)

quando Garrincha dribla, fica  
o adversário crava  
na memória  
a imagem da bola  
qual uma seta  
no retesado arco  
das pernas tortas  
(PINTO, 2014, p. 29)

O jogo de palavras do poeta permeia o jogo sagaz do personagem/jogador, este encanta com sua jogada, apesar das pernas tortas, o outro encanta o leitor com a perspicácia das palavras, dando força e velocidade à palavra “crava” e forma ao “retesado arco”, proporcionando ao leitor o aspecto visual.

No *Zoo imaginário* estão os poemas sobre bichos, os animais são metaforizados numa perspectiva de encantamento através da leveza e precisão das palavras, num passeio pelo paraíso da infância, no imaginário universo das mágicas descobertas, mas relevando as metáforas do ponto de vista do adulto. O texto a seguir dará uma amostra de como poeta brinca com as palavras em seu bestiário:

---

<sup>2</sup> Trecho de um artigo publicado no Jornal da Paraíba, 12 de abril de 2008.

<sup>3</sup> Livro selecionado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado e mantido pelo Ministério da Educação (2009) e pelo projeto Lendo e Aprendendo da rede pública de ensino do estado de São Paulo (2006).

### **a coruja**

*Sérgio de Castro Pinto*

são todo ouvidos  
os teus olhos  
de vigília

olhos acesos,  
luzeiros  
de sabedoria.

olhos atentos  
à geografia  
do dentro,

és uma concha.

um encorujado  
caramujo.

monja em voto de silêncio.  
(PINTO, 2009, p. 17)

Numa perspectiva metafórica (e de símile) o eu lírico atribui a audição aos olhos da coruja, associando, ainda, a imagem do animal a outras imagens: de concha, de caramujo. O símbolo da sabedoria é exaltado na imagem da luz dos olhos da coruja, quanto aos aspectos formais, pode-se apontar a formação das estrofes, a disposição dos versos e o ritmo da leitura oral.

Exposta essa análise breve de estilo e textos, a seguir haverá somente uma apresentação de nomes e títulos. Entre os poetas atualmente ligados à academia, apresentam-se a seguinte seleção: Vitória Lima – com o livro *Fúcsia*, André Ricardo Aguiar – com *Espelho do corpo*, Astier Basílio – com *Retratos falados: poemas*, Políbio Alves – com *Passagem branca*, Águia Mendes, com *Sol de algibeira*.

Confere-se também destaque aos poetas Augusto dos Anjos – representante de um profundo pessimismo e preferências por temas mórbidos – e Ariano Suassuna – mais conhecido como dramaturgo, mas que também deixou sua contribuição poética.

Representante da poesia popular, através dos folhetos de cordel, selecionou-se o poeta/cordelista Francisco Diniz, que em seus poemas denuncia questões sociais por meio da crítica cantada em versos de cordel.

## **5 Uma experiência em sala de aula**

A partir da necessidade de trabalhar nas aulas de literatura o gênero textual poemas e proporcionar uma aproximação maior com poetas da região, surgiu o **Projeto Poetas Paraibanos: do erudito ao popular**.

O Projeto iniciou-se com a leitura em voz alta de poemas selecionados pelo professor enfatizando na leitura ritmo e expressividade, para se chegar à compreensão. Nesse aspecto, Pinheiro (2007, p. 34), considerando a habilidade do professor, salienta que “é preciso ler e reler o poema, valorizar determinadas palavras, descobrir as pausas adequadas, e, o que não é fácil, adequar a leitura ao tom do poema”. A apresentação do poema em voz alta realmente não é tarefa fácil, exige empenho do leitor, por isso, a competência do professor deverá estar afinada. Essa primeira iniciativa foi acompanhada de muito estímulo para despertar o interesse pela leitura de outros poemas. Após a exposição oral, sucederam comentários sobre os textos lidos, aspectos sonoros e semânticos.

Na aula seguinte, houve uma exposição, em mural, de diversos poemas previamente selecionados pelo professor e impressos em papel colorido, essa visualidade também contribuiu com o lúdico. O mural, prontamente colocado em sala de aula, para apreciação pelos alunos que foram convidados a escolher um texto que lhes cativasse a atenção. Orientou-se a leitura inicial silenciosa e a análise atenta do poema, observando-se os aspectos visuais (símbolos, metáforas, alegorias, disposição gráfica...), sonoros (rimas, ritmos...), vocabular, semântico, como bem acentuou Coelho (2011), considerando-se os conhecimentos da turma. O professor também participou do mesmo processo sugerido aos alunos, tomando a iniciativa de fazer a leitura em voz alta, convidando aqueles que se sentiam à vontade para ler o texto escolhido, respeitando os limites de cada um, pois, como já foi dito, essa não é uma tarefa fácil. O professor, enquanto mediador, proporcionou um clima de descontração e respeito entre a turma, favorecendo a espontaneidade. Aconteceu a formação de equipes para que a leitura oral se realizasse. A partir daí, os alunos foram estimulados a pesquisar, em sites e redes sociais, a biografia ou quaisquer outras informações dos poetas lidos e selecionar outros poemas que encontrassem desses mesmos autores, tarefa a ser cumprida para a aula seguinte.

De antemão, o professor providenciou todas as biografias dos autores apresentados aos alunos e selecionou vários poemas e livros publicados por eles. Nesta aula, em que os alunos apresentaram o resultado de suas pesquisas, socializando o que foi pesquisado, inclusive abrindo espaço para os relatos das dificuldades, visto que as referências e textos de poetas paraibanos não se encontram tão acessíveis quanto os cânones. Socializada a pesquisa, propôs-se a leitura oral de poemas encontrados e comentários acerca deles. Alguns aspectos

foram observados nesses textos, como ritmos, rimas, som, símbolos, metáforas. É impreterível ressaltar a riqueza expressiva de alguns poemas, as imagens, a conotação, a subjetividade, a disposição gráfica, inclusive. Indagações surgiram a respeito dos textos e o professor, previamente preparado, respondeu, como também se dispõe a pesquisar algumas dúvidas junto à turma, como a escola não tinha suporte para pesquisa, biblioteca ou acesso à internet, a pesquisa foi direcionada como atividade extraclasse.

Um chá poético, excelente recurso para envolver ainda mais a turma, contemplou atividades sedutoras em um ambiente acolhedor. A biblioteca da escola serviu de cenário para a realização dessa atividade, com a disposição de livros de autores paraibanos sobre as mesas postas no local, um mural bastante ilustrativo com vários poemas desses autores, fotos e perfis dos poetas também expostos no ambiente. Esse mural permaneceu nas dependências da escola por algum tempo e, até mesmo, com a renovação de textos trazidos pela turma. Os alunos ficaram à vontade para circular pelo local, lendo textos, folheando livros, consultando perfis. O professor iniciou os trabalhos com um cerimonial, explanando a respeito do evento, da importância da leitura de poemas, da escolha dos poetas paraibanos, da poesia e sua relação social e histórica. Nessa oportunidade, outros profissionais da escola prestigiaram o evento. Após a abertura solene, o professor recitou poemas e convidou alguns profissionais que estiveram presentes, em seguida, os alunos foram convidados e motivados à leitura oral de poemas expostos no mural ou em livros espalhados pelo ambiente. Um momento prazeroso e de intenso envolvimento que despertou a sensibilidade dos alunos e demais convidados. Em seguida, foi servido um chá com biscoitos, suco, torradas, apenas para, efetivamente, caracterizar como Chá Poético.

Analisar poemas de autores diferentes foi uma atividade marcante nesse processo, escolhidos três ou quatro entre os textos já lidos, o professor conduziu a análise com a turma, salientando aspectos formais: disposição dos versos e estrofes, rimas ou mesmo ausência dela, métrica, ritmo, visual, e realçando aspectos semânticos, sintáticos, sonoros.

Ultrapassando os limites físicos da sala de aula, a poesia encantou toda a escola, a partir da atividade Poetando na escola, nesse momento os alunos saíram pelas dependências da escola lendo poemas para funcionários, professores e alunos de outras turmas. Além da leitura de poemas feita pelos alunos e pessoas da comunidade escolar, houve troca de informações, comentários, sugestões de outras leituras, descontração. Os textos lidos foram entregues às pessoas envolvidas na atividade.

Em equipes, foram organizadas entrevistas com poetas mais próximos, algumas aconteceram através das redes sociais de relacionamento, como *facebook*, e por *e-mail*, outras

pessoalmente. Essa atividade proporcionou uma interação entre poetas e estudantes, com trocas de informações e divulgação de ideias.

A partir desses contatos, um grande momento foi idealizado, o Encontro com poetas. Com bastante preparação, convites foram enviados aos poetas mais próximos, o ambiente providenciado e ornamentado para recepcionar poetas, alunos e convidados. Houve uma solene abertura e recitação de poemas pelos poetas, alunos e convidados. Logo após, poetas e alunos conversaram livremente, trocando ideias e falando de poesia.

Durante o desenvolvimento das atividades foi observado o posicionamento dos estudantes envolvidos. No início, alguns recuos e timidez foram considerados relevantes, especialmente no momento de leitura oral. Mas, como é comum se observar, a atitude de uns despertou a saída de outros da inércia em que se encontravam. Evidente que os mais tímidos e recuados não avançaram muito, uma vez que essa é uma condição natural do comportamento humano.

Gradativamente, a maioria dos estudantes da turma foi participando das atividades de leitura e análise, questionando alguns aspectos expostos ou simplesmente contemplando e lendo os poemas. A partir das entrevistas, momento que proporcionou uma aproximação do estudante com os poetas, registrou-se empolgação da turma. Dois momentos demonstraram maior fruição, o Chá Poético e o Encontro com poetas, atividades que favoreceram envolvimento com a leitura de poemas e perguntas a respeito da composição de alguns textos quanto aos recursos visuais, sonoros, vocabular, semântico e até mesmo de época.

## **6 Considerações finais**

Com o propósito de despertar o gosto pela poesia, pela leitura de poemas e proporcionar o conhecimento de poetas paraibanos, desenvolveu-se esse estudo teórico que resultou em uma experiência executada em sala de aula.

Definitivamente, o ensino de Literatura necessita de ser implantado de maneira sistemática na escola, como garantia de um direito social do estudante enquanto cidadão em desenvolvimento intelectual. De acordo com Cândido (1995, p. 175), a literatura “tem papel formador da personalidade”, daí a explícita necessidade de proporcionar ao estudante o contato direto com os textos literários, vale ressaltar que essa apresentação do texto literário deve ser escoltada de intensa responsabilidade por parte do professor, que precisa de formação compatível e aptidão favorável, ou seja, o professor deverá buscar além da academia, recursos que favorecem seu trabalho eficaz em sala de aula com a literatura.

O envolvimento do professor é primordial nesse processo de implantação efetiva do ensino de literatura. Segundo Pinheiro (2007, p. 19), essa situação é preocupante, pois “a maioria dos professores de Português e Literatura não procura despertar o senso poético no aluno, não se interessa por uma educação da sensibilidade de seus alunos”, de fato, essa é uma relevante inquietação, ainda mais, é fácil constatar que essa marca não se restringe aos textos em versos, mas aos textos literários em geral.

Vislumbrando-se a probabilidade de mudança nesse quadro é que se sugere, a partir desse estudo, uma intervenção em sala de aula. Certamente que as atividades apontadas para a prática pedagógica devem motivar também o professor, pois são sugestões dinâmicas que possibilitam aulas prazerosas e favoráveis à aprendizagem.

A iniciativa de apresentar aos alunos textos de poetas locais – nesse caso, de paraibanos – foi motivada com bastante emotividade para despertar seriamente o interesse dos estudantes. O fato de levá-los a conhecer e trocar ideias com esses poetas foi uma sedução a leituras de composições desses autores. Afinal, o novo e inusitado, impreterivelmente, avivam a curiosidade, a pesquisa, especialmente de jovens.

A respeito desse contato com o texto poético, Pinheiro (2007, p. 22-23) assegura que “o modo como o poeta diz – e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçar as emoções e a sensibilidade do leitor”. Evidentemente que essa é uma ideia irrefutável, mas é incontestável também que o mediador – o professor – tem aí um papel fundamental na intermediação de dessa relação leitor-obra e leitor-autor, seu comprometimento no planejamento desse intercâmbio da literalidade.

Portanto, cativar o aluno para essa paixão pelo texto literário implica numa série de atitudes bem planejadas, textos, ambiente, entonação na leitura dos poemas, possibilidade de encontro com os poetas locais. Assim, uma efetivação nesse trabalho com poetas e poemas paraibanos faz-se necessária, abrindo caminhos para um permanente enlace com a literatura.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Políbio. *Passagem branca*. Coleção Tamarindo. João Pessoa: Dinâmica, 2005.
- ANJOS, Augusto. *Eu*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.
- BASÍLIO, Astier. *Retratos falados: poemas*. Rio de Janeiro: Dobra Editorial, 2011
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. Bola, bicho, palavra... In. PINTO, Sérgio de Castro. *A flor do gol*. São Paulo: Escrituras, 2014.
- BRASIL. *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos do ensino fundamental)*. Brasília: MEC, 1998.

- CÂNDIDO, Antônio. Direito à literatura. In *Vários escritos* – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
- CASTRO, Ângela Bezerra de et al. *Autores paraibanos: poesia*. João Pessoa: Grafset, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teorias, análise, prática*. 12. ed. São Paulo: Moderna, 2011.
- DINIZ, Francisco. *Um pouco de Ariano em folheto de Cordel*. Folheto de cordel. João Pessoa: [s. n.], 2006.
- FILHO, Chico Lino. *Abajur de lua*. João Pessoa: Ideia, 1992.
- GOLDSTEIN, Norma. Poema ou poesia? In. *Poetas da escola: Caderno do professor: orientação para produção de textos*. Coleção Olimpíada de Língua Portuguesa. Produção Anna Helena Altenfelder e Maria Alice Armelin; Organização Beatriz Pedro. CORTESE. São Paulo: Cenpec, 2010.
- LAJOLO, Marisa. Carta aos leitores. In. *Palavras de encantamento*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LIMA, Vitória. *Fúcsia*. João Pessoa: Linha d'Água, 2007.
- MENDES, Águia. *Sol de algibeira*. João Pessoa: Ideia, 2010.
- PESSOA, Fernando. *Antologia poética*. Organização Walmir Ayala; coordenação André Seffrin. – ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia em sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PINTO, Sérgio de Castro. *A flor do gol*. São Paulo: Escrituras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Zoo imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2009.